

O ensino de literatura na Guiné-Bissau: reflexões sobre uma ausência

Braima Baldé¹

Andrea Cristina Muraro²

Resumo: Este texto tem como propósito apresentar resultados de pesquisa sobre o ensino da literatura na Guiné-Bissau. Tendo como base teórica e crítica sobre a questão em Guiné-Bissau, o aporte de pesquisadores como: Cá; Cá, 2017; Sané, 2018; Cá, 2015, dentre outros. Também foram realizadas, mediante questionário, entrevista com cinco professores e vinte discentes guineenses sobre o tema. A análise dos resultados indica que o ensino da literatura na Guiné-Bissau não ocorre de maneira regular, ou seja, não há planos sobre a sua execução na sala de aula, nem projetos com parâmetros nacionais para sua execução. Ainda que os resultados apontem que não é só o ensino da literatura que tem apresentado problemas, e sim o ensino guineense em geral, constata-se que é provocado pela instabilidade política cíclica, que o país tem vivenciado após a sua independência.

Palavras-Chave: Ensino. Literatura. Guiné-Bissau. Instabilidades políticas.

Abstract: This text aims to present research results on the teaching of literature in Guinea-Bissau. Having as theoretical basis and critical fortune on the issue in Guinea-Bissau, we had the contribution of researchers such as: Cá;Cá, 2017; Sané, 2018; Cá, 2015. Interviews with Guinean teachers and students on the subject were also carried out through a questionnaire. The analysis of the results indicates that the teaching of literature in Guinea-Bissau does not occur on a regular basis, that is, there are no plans for its implementation in the classroom, nor projects with national parameters for its execution. Although the results indicate that it is not only the teaching of literature that has presented problems, but Guinean teaching in general, it appears that it is caused by the cyclical political instability that the country has experienced after its independence.

Key words: Teaching. Literature. Guinea Bissau. political instabilities.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma das manifestações da arte e cultura, sendo conhecida como **a** arte das palavras. Ela consiste em registrar e representar a cultura e história humana. Começou a ser notada quando os seres humanos da pré-história registraram desenhos e escritas rupestres nas paredes das cavernas, que serviam para criar representações do mundo e da vida. Nos séculos passados, a literatura ganhou bastante a atenção dos seres humanos tanto é que foram surgindo inúmeras manifestações artísticas que hoje servem para (re) construir os mundos real e ficcional. Não tendo sido diferente com outras artes, a literatura não tem poder de inverter a realidade, mas ela é capaz de registrar tudo quanto acontece, e é capaz de fazer com que os seus leitores possam avaliar essa realidade a partir das suas vidas e os seus comportamentos, o que, por um lado, significa

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, *campus* Ceará.

² Orientadora. Professora Doutora Adjunta do setor de Literaturas de Língua Portuguesa, do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL), da Unilab, *campus* CE.

dizer que ela é capaz de provocar reflexão nos seres e ao mesmo tempo capaz de responder as nossas inquietações por meio de construções simbólicas. Ler o texto literário significa estar diretamente ligado com a nossa história, assim, estaríamos a criar a chance de compreender, de melhor maneira possível, o presente, passado e o futuro.

Tendo isso em vista, o presente artigo tem como objetivo geral investigar sobre o ensino de literatura, e como decorrem as aulas nas escolas públicas da República da Guiné-Bissau, a partir das séries 7ª e 9ª, consideradas chaves na Guiné-Bissau. A nossa inquietação em relação ao referido tema surgiu depois de muitas pesquisas realizadas sobre o texto literário na sala de aula na Guiné-Bissau não ter dado nenhum resultado sobre o pesquisado, ou seja, não vimos nenhum documento oficial que referisse sobre ensino da literatura na Guiné-Bissau, quando pesquisamos “ensino da literatura na Guiné-Bissau”, o que encontramos é o ensino da língua portuguesa, e esse não tendo referido minimamente o texto literário. Depois disso, uma pergunta automática vem-nos na mente: Como a literatura é debatida em sala de aulas das escolas da Guiné-Bissau? Com isso, surge o presente trabalho para dar resposta à questão.

Além de mais, é um trabalho que esperamos dar uma grande contribuição na medida em que não haja nenhuma pesquisa acadêmica que fale de assunto posto. Muitos estudantes guineenses, sobretudo de curso de letras, resolvem fazer pesquisas sobre ensino de literatura na Guiné, mas sem ter quaisquer resultados que atendam as suas expectativas. Por essa razão, o presente artigo irá preencher essa lacuna literária de maneira adequada.

Assim, organizamos a seguir a análise do aporte teórico-crítico, com o intuito de verificar menções ou não sobre o ensino de literatura na Guiné-Bissau. Na sequência, apresentamos a análise dos questionários enviados para professores e discentes da Guiné-Bissau, com perguntas relativas ao ensino de Literatura em suas experiências acadêmicas até o Liceu; as questões e respostas encontram-se anexas a este trabalho, após as referências bibliográficas. Ao fim, realizamos nossas considerações finais.

3.A ausência da literatura no ensino guineense: contexto e hipóteses

Realizamos, através de leitura dos artigos, comunicação, pôster e dissertação, uma pesquisa que pode dar alguma luz sobre a origem desse déficit literário no ensino Bissau-guineense. Nas nossas investigações, infelizmente, não encontramos nada que pudesse nos mostrar que existissem aulas da literatura nas escolas da rede pública da Guiné-Bissau. Pelo menos, dos trabalhos pesquisados, nenhum relata sobre o ensino da literatura, se limitando apenas sobre o ensino da língua portuguesa, sobretudo, no que concerne à gramática normativa, que é um ensino que, na verdade, existiu o tempo todo, que ensina o que é considerado pela norma como o “certo” e o “errado”. Dos oito trabalhos, estudados como base teórica para este texto, alguns discutem sobre um conhecido problema que também pode ser um dos obstáculos ao progresso da educação e consequentemente do ensino da literatura na Guiné-Bissau, que é a formação dos

professores. Um exemplo é o artigo *A questão da formação dos professores do ensino básico* (2017), de Cristina Mandau Ocuni Cá e Lourenço Ocuni Cá. Este texto procura investigar como Guiné-Bissau lidou com a questão da formação dos professores depois da sua independência em 1973. Depois da independência, um dos maiores problemas era a questão da formação dos professores, porque até-na naquela data, 1974, não havia um número considerável de professores com diploma de formação médio ou superior, de acordo com os pesquisadores, dos 1900 docentes, apenas 102 eram formados, a grande maioria só havia terminado o liceu (o que equivale ao Ensino Médio no Brasil), e isso fez com que o país entrasse numa política de cooperação com diferentes países como Portugal, Brasil, Cuba, Rússia, por exemplo, no sentido de reforçar e fortalecer o seu ensino educacional (CÁ;CÁ, 2017, p. 21). Na nossa leitura do referido trabalho não detectamos uma discussão sobre o ensino da literatura em particular, e isso ocorreu em todos os outros trabalhos que usamos como base teórica. Infelizmente, os artigos e as dissertações aqui utilizados não responderam a nossa inquietação. Mas, por outro lado, os problemas relatados, sobretudo no trabalho de (CÁ; CÁ,2017), nos fez entender que não havia como discutir da literatura na sala de aula, visto que as escolas em si, a formação dos professores, o não pagamento de salário, e muitos outros fatores são os problemas que até então não foram, devidamente, resolvidos, fatos que, na verdade, antecedem a questão do ensino da literatura.

Mas estes não serão os únicos problemas que impedem que a literatura esteja muito presente na sala de aula na Guiné-Bissau. Como, por exemplo, o que é assinalado no trabalho de Quecoi Sani e Marlice Rubin Oliveira, intitulado *Educação Superior e Desenvolvimento na Guiné-Bissau* (2014), em que autores relatam alguns problemas que também tem sido principais motivos para a instabilidade educativa no país, dos quais destacamos: início tardio, a falta da qualificação dos docentes, o baixíssimo fundo dedicado à educação. Outro dado, também importante, sobre o ensino da literatura na Guiné-Bissau é a falta de projetos de cursos, o que no Brasil pode corresponder aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), pois em todos os autores pesquisados, de fato, nenhum deles mencionou tal questão.

Ainda na investigação sobre o ensino da literatura na Guiné, apesar de não encontrarmos nenhum trabalho específico a respeito, por outro lado, alguns artigos relatam não exatamente do ensino da literatura, mas discutem problemas que estão por detrás da estagnação do sistema educativo em geral, como por exemplo, o de Samba Sané, autor do artigo *Os desafios da educação na Guiné-Bissau* (2018), que realiza um recorte entre o período de ensino colonial até 1974, data da independência, nos relata sobre a realidade do sistema educativo da Guiné. Sané afirma que o sistema educativo colonial deixou marcas negativas, não só ao nível do desenvolvimento do país, mas também ao nível da alfabetização da massa camponesa, sistema que, segundo ele, é meramente elitista e seletivo. Essa negativa marca ao país, segundo o autor, por ser discriminaria, facilitou a criação de um movimento que tinha como objetivo libertar o país da segregação europeia, com isso, nascia, em 1963, uma luta armada para a emancipação da Guiné-Bissau (SANÉ, 2018, p. 56). Outro problema apontado pelo

autor é a própria continuidade desse sistema pelo Estado guineense; sistema esse que está muito longe da realidade do país, não obstante algumas reformas feitas depois da independência, mas ainda impera o sistema deixado pelo colonizador. “O ensino colonial não só era totalmente inadaptado às realidades do país, como também o contrariava e o destruía, porquanto não respondia às necessidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural, pois estava divorciado da comunidade” (SANÉ, 2018. p 57).

De acordo com vários outros trabalhos sobre educação da Guiné, o sistema era esse. Por outro lado, por incrível que pareça, apesar de hoje ser um país livre de colonização, nota-se que continua atrelado num sistema deixado por Portugal, um sistema que não tinha como objetivo capacitar o aluno guineense, muito menos habilitá-lo para fazer face a um mundo cheio de desafios como tem verificado hoje em dia. O país se libertou de colonização, mas ainda está preso ao sistema educativo anterior. As reformas não foram capazes de provocar uma profunda mudança no sistema do ensino, e essas mudanças, certamente, não parecem acontecer já, ou seja, pelo menos, não há previsão de quando isso pode acontecer justamente porque os materiais didáticos do país não são produzidos pelos intelectuais nacionais, eles são doados pelo seu ex-colonizador. Por exemplo, é mais fácil encontrar um texto sobre a realidade portuguesa numa prova de língua portuguesa na Guiné do que um texto da autoria de um cidadão guineense. Assim, apesar de ensino da literatura não fazer parte da pauta, o pouquíssimo que se encontra de maneira acidental, não será também de obras de autores nacionais, mesmo que o país disponha de autores internacionalmente reconhecidos.

A seguir, trazemos outro artigo que também discute da educação guineense, para acrescentar sobre a pouquíssima possibilidade que a literatura ganharia no ensino educativo do país, porque se o sistema em geral é atingido pelos problemas do passado, dificilmente ela (a literatura) estaria salva, embora ela não seja uma disciplina separada, ou seja, nunca foi vista como uma disciplina solta, o que, talvez, poderia fazer com que ganhasse espaço notável, ao invés disso, o ensino da gramática normativa não deixou a literatura ter uma notabilidade nas escolas da Guiné. Em *Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência*, de Dabana Namone e Alexandre António Timbane, os autores trazem uma posição visivelmente crítica em relação ao ensino da língua portuguesa no país. Para eles, um dos problemas mais graves depois de Estado guineense é a oficialização do português como única língua oficial (NAMONE;TIMBANE, 2017, p. 46). Se levarmos em consideração a realidade do país, que é multiétnico, tendo cada etnia a sua língua, e o crioulo como língua nacional onde todos se entendem, vamos concluir que isso também contribuiu no notável atraso do desenvolvimento educativo nacional. Pelo menos, que as duas línguas fossem cooficializadas como é a realidade de muitos países hoje em dia, e isso, certamente, iria permitir que houvesse muita produção literária em crioulo porque é a língua que seja mais dominada e que sentem mais confortáveis ao comunicar. Mas não foi o caso, o crioulo foi excluído e a língua do colonizador ganhou um status oficial. E esse problema vem-se encadeando tanto, que não deixou literatura

guineense ser vulgar, mesmo nos últimos tempos em que o país vem dispondo de escritores jovens.

Aliás, o ensino da literatura nunca foi uma das prioridades nos currículos escolares do país. O pouquíssimo que se vê é a literatura Portuguesa. Fora isso, sempre se discutiu da língua Portuguesa a partir da gramática, que também não é ensinada devidamente, é descontextualizada com a realidade do país, seguindo sempre o modelo que impera em Portugal, sendo duas sociedades completamente diferentes tanto ao nível histórico, econômico e cultural.

Na sequência, outro trabalho que também nos relata sobre o ensino guineense, embora o nosso foco deste texto não seja exatamente esse, mas visto que a literatura esteja inserida dentro deste sistema de ensino, por isso, estamos fazer essa busca para ver os fatores que impedem a sua sólida presença no ensino do país, para isso, temos que, de certa forma, falar de ensino guineense com vista a encontrar as desvantagens e, particularmente, sobre o ensino da literatura. Identificar o problema que obstaculiza o progresso da educação da Guiné de maneira geral, significa achar, também e particularmente, o problema que acarreta a fluência da literatura nas escolas. Augusto Gomes Barreto, guineense, autor do artigo *Fraco desempenho dos estudantes guineenses no ensino superior na Guiné-Bissau: a herança do ensino básico*(2014) informa que “apesar de algumas ações de reformas que têm a ver com a inovação de práticas pedagógicas e ajustes de currículo à realidade sociocultural do país, a educação guineense não pode ser considerado um modelo adequado de formação” (BARRETO, 2014, p. 18). Barreto, em sua crítica posição, salienta ainda que o aluno guineense enfrenta outra situação diferente de ensino-aprendizagem da que será cobrado quando o assunto for prática profissional. Podemos perceber que todos os autores citados no presente trabalho, trataram do ensino guineense em algum momento, também se referiram as reformas educacionais que tiveram lugar na Guiné, e apesar disso, elas (as reformas) não parecem ter efeito positivo, ou seja, não impactaram consideravelmente no sistema, a favor do aluno guineense.

Para uma breve comparação com a situação do ensino da literatura no Brasil, o texto de Bonetti (2017) afirma ter havido grandes mudanças no que concerne ao ensino da literatura no Brasil. “De seletas aos Parâmetros Curriculares nacionais, o ensino da literatura nas escolas de ensino médio passou por grandes mudanças, ao mesmo tempo em que na prática escolar poucas mudanças sejam perceptíveis” (BONETTI, 2017, p, 01). Embora o Brasil também tenha passado momentos em que o ensino da literatura não estivesse voltado à realidade do país, isto é, segundo Bonetti, “as obras literárias eram compostas com trechos de compilações sempre portuguesas e lidas com o intuito de ensinar aos educandos a arte da retórica e de ler bem” (BONETTI, 2017, p. 2), hoje vê-se uma mudança que não nos leva a pensar que o país já esteve naquela situação, hoje a prioridade são os autores nacionais e ensino voltado à realidade diversa do país. A autora faz essa menção com recorte cronológico a partir do século XX até o início do século XXI. Pois a partir do início do século XXI, conforme ela descreve, houve iniciativas com objetivo de orientar os conteúdos escolares, como no caso de instituição

das leis regulamentadoras do ensino básico e a unificação dos conteúdos escolares, e outras leis como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), como os PCNs, DCNs e BNCC. Essas leis permitiram até que as obras consideradas canônicas fossem introduzidas nas escolas, salienta a autora. O Brasil teve grande salto por ter provocado uma colossal mudança no setor da educação, uma revolução que priorizou a introdução de obras literárias nacionais nas escolas, de uma perspectiva transversal.

O que aconteceu no Brasil, na verdade, poderia ter acontecido também na Guiné-Bissau se houvessem reais intenções de fazer com que o sistema de ensino fosse voltado a próprio país, isto é, fazer legislações que defendessem introdução de obras literárias dos autores nacionais nas escolas. Infelizmente, isso não foi o caso, pois não há nenhum projeto da lei em vigor com vista a regulamentar os conteúdos escolares do país, que tenha por objetivo a cuidar dos currículos nacionais, a sua definição, a sua aplicação. Guiné-Bissau herdou um problema que poderia evitar. Essa desestruturação do ensino guineense nasceu desde período colonial, em que era o colonizador quem controlava tudo. Conforme explica Barroco (2015, p.3), a Guiné-Bissau viveu muitos anos com dois modelos de ensino antagônicos a imperar paralelamente, um deles é o modelo colonial, que tinha conteúdos voltados sobre Portugal, e outro modelo é o de partido libertador, PAIGC, que, por sua vez, ensina sobre a cultura e tradições guineenses e sobre as táticas de guerrilha. Mesmo depois de ter libertado o país do colonialismo, sendo um país independente, esse sistema híbrido ficou atrelado permanentemente no país. E as futuras reformas que foram levadas a cabo tiveram apoio de Portugal, de modo que não demarcaram muito daquilo que sempre existiu. Portanto vimos a estratégia adotada pelo Brasil para a consolidação do ensino da literatura no país, inclusive, caso fosse o objetivo aqui o de analisar a necessidade de pesquisar sobre o ensino da literatura no Brasil, certamente apareceriam muitos resultados, o que não vamos encontrar no caso da Guiné-Bissau, razão pela qual, seguiremos trazendo alguns artigos, ainda que sem encontrarmos à referência ao ensino de literatura na Guiné-Bissau.

Ainda na sequência dos trabalhos que discutem sobre o ensino da Guiné-Bissau, observamos a seguir, do trabalho *Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau* (2015), de Virginia José Baptista Cá, em que se discute: “O problema da escolha da língua em que ocorreria a alfabetização sempre foi e é uma das grandes limitações no sistema educativo guineense. A língua a ser usada nas escolas causa controvérsias” (AUGEL, 2006, *Apud* CÁ, 2015). A autora discute da imposição da língua portuguesa sobre as línguas maternas da Guiné-Bissau, e justifica o fracasso do ensino guineense pelo fato de ter havido a imposição de uma única língua oficial.

As crianças guineenses entram em contato com o mundo da cultura escrita escolar, sendo privadas dos conhecimentos linguísticos prévios já adquiridos, tanto na aquisição de uma das 25 línguas pertencentes aos diferentes grupos étnicos que constituem nossa população como também conhecimentos

Virginia Cá relata que quando começou a dar aulas no ensino básico na Guiné-Bissau, tomou conta do revelo de crioulo no processo de ensino básico e destacou a importância do mesmo no ensino-aprendizagem da Guiné, apesar de ser menosprezado. “As crianças tinham muitas dificuldades quando seus processos de alfabetização se davam em português e, muitas vezes, era necessário que eu explicasse em crioulo para uma boa compreensão por parte dos alunos” (CÁ, 2015, p. 19). Ainda segundo a autora, a situação desses alunos não estava muito longe com a dela (da professora quando criança no ensino básico), ela salienta que, na sua época, também era expressamente proibido o uso do crioulo no recinto escolar, com isso, ela se revelou uma grande limitada enquanto falante do português. Vale ressaltar que esta situação, de proibir o uso do crioulo na escola, até hoje se encontra no país, embora saibamos que na prática das aulas de Ensino Básico, principalmente, o professor acabe por dialogar em crioulo. E esse português exigido é o de português de gramática normativa, que sempre ganhou espaço diante de ensino da literatura que nunca chegou de ser discutido sobre como deve ser feito, e nem projeto equivalente.

Os textos teóricos-críticos anteriores, embora estejam discutindo do ensino da Guiné-Bissau e em particular dos problemas que o impedem em ter qualidade que permita capacitar os alunos guineenses de acordo com as exigências do mundo atual, mas, também, os trouxemos para demonstrar que não há trabalhos que discutam exatamente do ensino da literatura na Guiné-Bissau. Mesmo nestes trabalhos, com foco nos problemas do ensino em geral, possível prever o déficit do texto literário nas escolas do país. Todos os autores mencionados mostram as origens dos problemas do ensino guineense, Ou seja, não só não encontramos trabalho que discuta do ensino da literatura, como também não foi encontrado trabalho sobre o currículo do ensino guineense.

Considerando este ponto da situação, citamos aqui o escritor guineense, Edson Incopté, que reforça nossa hipótese numa entrevista aos microfones da *Rádio Jovem*, uma estação emissora sediada em Bissau, na Capital guineense, que a razão pela qual a literatura guineense não havia ainda conquistado o seu verdadeiro espaço é porque não foi integrada no sistema educativo do país. “Basta vermos para o sistema do ensino do país, a presença da literatura nacional é quase nula. Por isso, chegamos à conclusão de que a literatura ainda não conseguiu aquele espaço que deve ter no panorama nacional” (INCOPTÉ, 2021³). O escritor dava essa declaração na ocasião de dia mundial do escritor, dizendo aos jornalistas que a cultura da leitura ainda se encontra na fase embrionária, na Guiné. Incopté não só falou da cultura da leitura, também reconheceu que houve evolução em relação à produção literária nos últimos anos. As declarações de Incopté reforçam as nossas hipóteses, de que o ensino da literatura está ausente na Guiné-Bissau. Outro aspecto importante referido na entrevista do escritor é a introdução das obras nacionais nas escolas do país, que não tem verificado, um facto também referido anteriormente nesta pesquisa.

³ Fonte: <https://www.facebook.com/radiojovemgb>

5. Análise de respostas de professores e discentes guineenses sobre ensino de literatura

Para verificar a ausência da literatura no ensino guineense, foram realizadas entrevistas que aconteceram da seguinte maneira: elaboramos formulários google de perguntas abertas (cf. anexos 1, 2, 3 e 4), enviadas e respondidas entre o mês de setembro/2021 até outubro/2021, para os professores. O critério de seleção foi aleatório, não definindo as características dos que deveriam compor o grupo de participantes. O que foi levado em conta que o professor seja de língua portuguesa. E os alunos que cursaram o Liceu na Guiné-Bissau, na última década, o critério de seleção também foi o mesmo que o anterior; Vale ressaltar que alguns dos professores não se encontram ativos na carreira, assim também como alguns dos alunos que foram entrevistados, a maioria dos discentes não se encontra na Guiné, tendo uma boa parte no estrangeiro por razões de estudo, sobretudo no Brasil (Unilab). Assim, apenas mostramos algumas respostas dos entrevistados por amostragem, pois algumas foram dispensadas por não trazerem informações suficientes. Isso ocorre tanto nos dados dos professores como nos dos alunos, conforme análise a seguir.

Ao analisarmos as respostas dadas pela **entrevistada A**, professora de rede pública na Guiné-Bissau, podemos perceber que as aulas da literatura não têm um planejamento em que estariam definidas algumas etapas da sua aplicação na sala de aula, como no caso de Brasil que tem os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), visto que teriam um papel de dar apoio aos projetos das escolas na elaboração do currículo nacional em todas as disciplinas. No caso de Guiné-Bissau, vale dizer que o problema não se encontra exclusivamente no ensino da literatura. É o sistema educacional do país em geral que apresenta problema estrutural, que só pode ser resolvido, provavelmente, com a intervenção dos técnicos na área da educação para estes terem autonomia de diagnosticar os obstáculos e elaborarem propostas que estejam adequadas à realidade do país. A partir das respostas da nossa entrevistada A, não nos restam dúvidas sobre o déficit do texto literário no ensino público da Guiné, uma vez que essas aulas acontecem de maneira acidental, além de ser resumida só entre os gêneros conto e fábula, como revela a nossa entrevistada em suas respostas, e ainda com uma aplicação descontextualizada, o que impede que alunos possam descobrir as múltiplas faces da linguagem, e uma interação promovida através do texto literário, com objetivo de formar, criticamente, os jovens leitores. Visto que quase seja impossível refutar a grande contribuição que o texto literário tem trazido, sobretudo na

emancipação do aluno enquanto sujeito leitor em processo de formação sociocultural pelo menos nos países onde a educação seja um dos centros da preocupação dos governantes, daí a necessidade de escolas, junto com o governo guineense, pensarem em como fazer firmar um projeto pedagógico que inclua o ensino de literatura de maneira crítica.

Em seguida, o **entrevistado B** também nos trouxe respostas que dão claras evidências de ausência do texto literário no ensino público da Guiné-Bissau. Na verdade, as perguntas das entrevistas foram elaboradas para permitir o entrevistado trazer informações que mostrem ou não a presença do ensino da literatura na Guiné. Apesar de tudo isso, tivemos, infelizmente, algumas respostas que foram dispensadas justamente por não trazerem informações suficientes, isso aconteceu porque pretendemos evitar coleção de dados imensuráveis. Contudo, por mais insuficientes que sejam algumas respostas, por um lado, serviram para avaliar a compreensão de certos participantes em relação ao texto literário. De acordo com a nossa análise de algumas respostas dispensadas, é que alguns dos professores, uma vez não tendo lidado de maneira sólida com o ensino da literatura, até mesmo na sua formação enquanto professor, não apresentam uma compreensão na área da literatura. As respostas do entrevistado B vem reforçar as afirmações de oito teóricos que fundamentam essa pesquisa, os quais puseram problemas políticos e desgovernança como centro de atração de todos os retrocessos não só da educação na Guiné-Bissau.

Na sequência, temos o **entrevistado C**, que também nos trouxe algumas respostas que certificam a ausência do ensino da literatura. Na verdade, todos os professores entrevistados nos relataram os mesmos problemas que aparecem no setor da educação guineense e em particular no ensino da literatura. Esse entrevistado nos mostrou que os problemas que acarretam o texto literário estão relacionados com a falta de bibliotecas, e de material didático adequado. Ainda nas suas respostas, mencionou a questão de formação dos professores, um dos pontos que já tínhamos verificado em relação ao texto de Cristina M.O.Cá e Lourenço O.Cá (2017). Muitos professores entrevistados são formados para serem professores, mas que, infelizmente, acabam por não ter qualificação para tal, mesmo assim, são concebidos horários para lecionarem sem pelo menos que tenha havido processo seletivo ou concurso público.

A leitura do texto literário, de fato, mesmo que seja somente uma leitura prazerosa e descompromissada, contribui, imensamente, na formação do aluno/leitor, pois toda a leitura, partindo do imaginário para o real, é, certamente, capaz de gerar reflexões. Se tudo isso seja suscetível de acontecer em leituras sem compromisso, imaginemos como seria o seu impacto quando o objetivo seja de uma leitura compromissada. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que as escolas públicas da Guiné-Bissau não formam aluno leitor, justamente porque o texto literário não é, de acordo com as respostas que recolhemos dos professores guineenses, levado na sala de aula com objetivos definidos e uma meta traçada a atingir.

Ainda seguindo as respostas dadas pelos entrevistados, temos o nosso próximo participante, **entrevistado D**, que, nas suas respostas, mostrou que o problema é genérico, não seja educação o único setor que apresenta notáveis lapsos. Portanto, a ausência do texto literário nas escolas públicas da Guiné-Bissau é um problema que não apresenta indícios da resolução imediata, visto que ainda existam estruturas básicas que não foram resolvidas, como no que toca ao pagamento salarial sem interrupções que tem promovido sucessivas greves e frequentes paralisações. Ou seja, o atual estado degradante da educação guineense é resultado de má gestão governativa de muitas décadas, visto que estabilidade de todos os setores dependa, direta ou indiretamente, da política partidária que, por sua vez, não tem sido solução aos problemas que assola o país há anos.

Na sequência, procedemos às entrevistas dos alunos. Agora, tendo terminado as análises das respostas dadas pelos professores, é a vez de analisarmos as respostas dos alunos guineenses. Os alunos que responderam são de duas redes, privadas e públicas, na sua maioria hoje são residentes na diáspora, sobretudo no Brasil, mas que cursaram o liceu (Ensino Médio) em Guiné-Bissau. O processo de análise seguiu o mesmo critério dos anteriores, única diferença com o anterior é que as respostas dos discentes foram analisadas em blocos, ou seja, compilamos as respostas semelhantes dos alunos e analisamos o todo, cada bloco constituiu cinco elementos, apesar também de termos dispensado muitas respostas dadas pelos alunos, por não trazerem informações claras e/ou suficientes.

Dos cinco primeiros alunos que responderam apenas um estudou na rede privada, neste primeiro grupo de cinco alunos. Os restantes quatro, estudaram nas

escolas públicas em Guiné-Bissau. Em relação à primeira pergunta, tivemos uma variação nas respostas por eles dadas. Ou seja, o aluno 1, de ensino público, considerou razoável o seu aproveitamento em relação às aulas da literatura; aluno 2, também de ensino público, considerou positiva a sua aprendizagem; a aluna 3, de rede privada, por sua vez, também classificou como positivo o seu aprendizado nas aulas da literatura; o aluno 4, ensino público, diz ter sido o seu aproveitamento; já o aluno 5, o último deste primeiro grupo, de escola pública, respondeu que a sua aprendizagem é média (respostas no anexo 4).

O que podemos perceber aqui é que dos cinco que responderam, sendo quatro da rede pública, três deles (os da rede pública) deram a mesma classificação dos seus aproveitamentos das aulas da literatura que tiveram (classificação essa: razoável, normal e médio). Apenas um deles que considerou positiva a sua aprendizagem. Na verdade, são classificações que nos dão a entender que as aulas da literatura não foram aulas com roteiro organizado e que a sua finalidade fosse potencializar o aluno, ainda colocando-o como sujeito de aprendizagem. Além do mais, como vimos anteriormente nas respostas dos professores, percebe-se que não há dinâmicas nestas raras aulas da literatura, como por exemplo: ler trechos de uma obra literária, junto com os alunos, fazer possíveis interpretações; verificar a leitura intertextual, em que o objetivo seja de fazer comparações com determinados contextos; ou ainda, através destes textos, criar novos sentidos a partir das leituras independentes dos alunos. Estas e de muitas outras dinâmicas, na verdade, são bastante desconhecidas, nos seus lugares, não há outras que estejam imperando na Guiné-Bissau, ou seja, o que os professores mais pedem é a prova escrita, com perguntas diretas como: qual é o? Quantos e quais são? Defina, como? São formas de avaliação que não deixam o aluno interpretar, mas em estudar um roteiro para poder responder corretamente na prova.

Nas respostas que deram (conferir anexo 4) vimos que cada um dos alunos mostrou o seu entendimento do que seja a literatura. Embora haja falta de desenvolvimento nas respostas dadas pelos alunos entrevistados, percebemos que apresentam certas dificuldades sobre o que literatura seja, não em termos de concepção, mas nas suas variadas dinâmicas e desdobramentos que oferece ao leitor. Aliás, uma vez, um professor disse aos seus alunos sobre a literatura: é a arte de bem escrever e ler. Um conceito mecânico que, para além de excluir a literatura oral, é desprovido de sentido justamente porque a literatura é muito mais que isso para ser

resumida em arte de saber ler e escrever. Mas a verdade é que essa é a concepção que muitos alunos entrevistados têm sobre a literatura, no contexto guineense.

Podemos perceber que, a partir de resposta de cada um dos alunos, apenas um que a sua resposta adequou, enquadrou à pergunta, neste caso, o aluno 5. Porque nossa intenção era de saber o nível da presença das aulas sobre a literatura nas salas de aulas, portanto o aluno 5 mostrou que o nível era menor, a presença da literatura na escola, neste caso. As restantes respostas são provas de que o entendimento à literatura está muito abaixo da média.

Nota-se que do modo como analisamos as respostas, não é só verificar exatamente se o aluno respondeu correto ou errado, até porque as perguntas são abertas, mas o que é mais observado, no que eles responderam, são as (in) adequações às perguntas, ou melhor: a aproximação ou não das respostas às perguntas, se eles realmente têm noção do aspecto requerido na questão do entrevistador. Fizemos isso porque em muitos casos, notamos falta de aproximação entre aquilo que é perguntado com o que é respondido. Podemos deduzir que os alunos não apresentam um entendimento nítido sobre a literatura e possivelmente uma dificuldade relativa à proficiência da língua portuguesa.

Aliás, vale ressaltar que alguns destes alunos que responderam estes questionários já estão aqui no Brasil, divididos em diferentes grupos, uns tendo chegado desde 2016, outros 2017, e os de 2018 e 2019. Fazemos tal ressalva, a partir da resposta do aluno 3, já que se percebe que alguns estão consolidando os seus conhecimentos literários no Brasil, ao longo da graduação, tendo isso um dos motivos de alguns responderem de forma mais crítica, isto é, levando em consideração a grade curricular da Unilab, que oferece uma formação crítica, que desconstrói muitas concepções ocidentais. Outro dado que demonstra isso, nas respostas, podemos ver na resposta à pergunta 05 do aluno 2, que citou uma renomada autora brasileira, o certo é que autores brasileiros não são estudados na Guiné-Bissau, então a nossa conclusão é que o aluno 2 conheceu algumas das obras da autora no Brasil.

Então, como podemos perceber nas respostas que deram em relação à quinta pergunta, dois deles afirmaram de não terem lembrado nenhum conceito da literatura. O aluno 5 não deu uma resposta que mereça comentário e análise, pois a resposta está

sem informação nítida. O aluno 2, a partir da sua resposta, percebe-se que a base do seu repertório literário se fundiu aqui no Brasil, ele não faz menção à Guiné.

A seguir, selecionamos as respostas que nos dão certo entendimento da existência ou não do ensino da literatura na Guiné-Bissau. Na verdade, em relação à nona pergunta (em anexo) esperava-se que as respostas percorressem sentidos como: a literatura permitiu a evolução das minhas habilidades socioemocionais, me deu um hábito de leitura, ampliou o meu imaginário, a minha criatividade, interpretação de mundo e ajudou a minha formação como indivíduo, etc. Estas respostas só seriam dadas por alunos que tivessem acesso à estudos literários de maneira suficiente e adequado. Embora esses não sejam únicos resultados que se possa esperar de impacto de estudos literários, mas, de qualquer maneira, um deles deverá constar entre os que se espera. Percebe-se que nenhum dos alunos trouxe uma resposta que nos leva a acreditar que tiveram aulas de literatura dentro de normalidade.

Mesmo se as aulas da literatura acontecessem de maneira regular, tendo como guia os projetos curriculares, com estas respostas dos alunos (anexo), perceberíamos a falta de compreensão deles, e a pergunta seria outra, como: se as aulas da literatura estão definidas a partir do currículo nacional da educação da Guiné-Bissau, por que os alunos não apresentam uma experiência sólida acerca dos estudos literários com outras habilidades que ela dispõe? Mas esta pergunta é dispensada no contexto atual do país, visto que não haja mínima organização, não só do setor educativo, mas em termos gerais.

Considerações finais

Levando em conta os resultados das pesquisas através de questionários e das leituras críticas realizadas, achamos, absolutamente o mais importante, e necessário discutir, nesta parte final, uma proposta pedagógica que inclua o ensino da literatura de maneira regular na Guiné-Bissau, visto que a partir do texto literário seja possível a compreensão do mundo. Porque olhando os resultados desta pesquisa, percebe-se, de maneira bem patente, o déficit de ensino da literatura nas escolas da Guiné-Bissau, por isso da necessidade desta proposta que iremos discutir em seguida.

Na verdade, todo modelo curricular tem que se espelhar na realidade do país, aliás, inclusive quando Paulo Freire aceitou o convite, em 1976, do governo da Guiné-Bissau para a elaboração do modelo de alfabetização para os adultos logo após a independência, o autor colocou como prioridade o conhecimento à realidade deste país africano antes de qualquer sugestão curricular. Na verdade, a ida da equipe de Paulo Freire à Guiné valeu muita a pena, mas só vamos entender isso quando lermos a proposta que ele deixou ao país, embora possa surgir uma pergunta retórica ao ler o que ele deixou como modelo educativo: mas por que a educação da Guiné-Bissau está assim se bem que tem um modelo educativo como esse elaborado pelo referido autor? Uma possível pergunta a todo leitor da obra intitulada *Cartas à Guiné-Bissau*. A resposta é simples: o modelo foi engavetado, não está sendo utilizado. Numa das partes da referida proposta do autor desestimula uma prática que tem sido habitual a sucessivos governos do país até hoje, a reforma. Isto porque o modelo anterior inteiramente seja colonial, por isso que ele recomendou uma radical mudança. Como podemos ver as palavras do autor:

E na educação colonial herdada e que, em contradição total com os objetivos da sociedade que se busca criar, deve ser radicalmente transformada e não simplesmente reformada. Daí que o novo sistema educacional a surgir não possa ser uma síntese feliz entre a herança da guerra de libertação e o legado colonial, mas o aprofundamento melhorado e enriquecido daquela. Vale dizer, algo que resulte da transformação radical da educação colonial. (FREIRE, 1978, p. 87)

Nesta proposta freiriana, vemos um modelo educativo não só que priorize a cultura nacional como base curricular, mas também uma educação com viés crítico. E isso só seria possível caso houvesse eliminação parcial do modelo que se impera atualmente na Guiné-Bissau, pois o país só tem feito algumas reformas também não profundas, conforme explica Samba Sané (2018). Na verdade, a Guiné pode estar a precisar de muitas ações educativas, mas o mais necessário e que antecede qualquer outra ação, é exatamente esta proposta de Paulo Freire, pois só a partir daí, será possível pensar outros aspectos que sejam necessários. Mas o primeiro caminho a ser traçado deve ser esse. Afundar e não reformar o modelo deixado pelo Portugal, porque reformar não é tirar tudo, mas sim é emendar ou reconstruir o que já existia. Portanto, de inúmeras propostas que poderiam ser dadas aqui, entendemos que a de Paulo Freire

é mais crucial, por isso mesmo, para que a Guiné-Bissau encontre uma educação fiel à realidade viva do país, deve pôr em prática a luz deixada pelo Patrono da educação, não só brasileira. Pois adotar esse sistema seria, na teoria e na prática, inclusão efetiva de ensino da literatura. Mas que não seja qualquer ensino da literatura, como aquele que se restringe a mero ato mecânico de usar sistema gráfico ou decodificação de palavras de maneira isolada.

Referências

BARRETO, Augusto Gomes. O fraco desempenho dos estudantes no ensino superior na Guiné-Bissau: a herança do ensino básico. **Diálogos Acadêmicos**. Uniesp, v. 07, nº 2, jul-dez, 2014, p. 18-28.

BARROCO, Sónia Mari Shima. Fracasso escolar na Guiné-Bissau: contribuições da educação e da psicologia brasileiras. In. 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. Pôster. 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC, Florianópolis, p. 1-7.

BONETTI, Mayra Geovana da Costa. Ensino de literatura no Brasil – letramento, história e documentos norteadores. In. XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL LITERATURA HISTÓRIA E MEMÓRIA. Anais. Unioeste, Cascavel/PR, 22-24 de novembro de 2017, p. 1-16.

CÁ, Cristina Mandau Ocuni; CÁ, Lourenço Ocuni. A questão da formação dos professores do ensino básico: desafios e perspectivas do governo nos anos de 1975-1986. In. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.2, n.5, maio/ago, 2017, p. 20-32.

CÁ, Virginia José Baptista. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. Dissertação de Mestrado. apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

SANI, Quecoi; OLIVEIRA, Marlize Rubin. Educação superior e desenvolvimento na Guiné-Bissau: contribuições, limites e desafios. In. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, p. inicial e p. final Jul./Dez, 2014, p. 127 – 152.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre Antonio. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. In. **Mandinga –Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção-CE, v. 01, n. 01, jan./jun. 2017, p.39-57.

SANE, Samba. Os desafios da educação na Guiné-Bissau. In. **Temas em Educação**, UFPB, João Pessoa, v. 27, n. 1, 2018, p. 55–77.

Apêndices

Apêndices 1: A seguir as perguntas encaminhadas aos entrevistados professores:

Pergunta 1: Sabe-se que o Estado e os governos da Guiné-Bissau não têm posto a educação no centro das atenções, isso tem contribuído para que o ensino da literatura não esteja muito consolidado nas escolas públicas. Como o senhor considera essa realidade?

2: Como avalia a presença da literatura nas escolas públicas?

3: O senhor, como professor da língua portuguesa, como tem lidado com o ensino da literatura?

4: Qual tem sido a posição da diretoria da escola sobre a literatura na sala de aula?

5: Qual o método o(a) senhor(a) tem utilizado nas aulas da literatura?

6: Como considera o tempo que as aulas da literatura têm dado?

7: Os seus alunos demonstravam algum grau de dificuldade com o ensino da literatura?

8: Quais os gêneros textuais o professor tem levado na sala de aula e como tem abordado os com os alunos?

9: Nas aulas da literatura, como o professor avalia as interações dos alunos?

10: Como o senhor avalia o desempenho dos alunos nas aulas da literatura?

11: Na escala de zero (0) a dez (10), qual nota daria a presença da literatura na instituição que trabalha?

Apêndices 2: respostas dadas pelos professores entrevistados

Entrevistada A:

1. Eu concordo com essa afirmação. Pois as aulas da literatura, na verdade, podemos dizer que elas não existem. Eu enquanto professora não ensino muito sobre a literatura porque não consta no manual do professor. Eu gostava que houvesse esse programa. Eu amo a literatura, infelizmente, não estou exibindo os meus alunos o que seja literatura dentro e fora de sala de aula. Mas isso não quer dizer que às vezes não levo algumas obras para ler junto com os alunos, mas não há tempos definidos como da matemática e outras disciplinas que têm dias e tempos em que devem ser dados, a literatura não tem isso. Embora ela esteja ligada com a língua portuguesa, onde poderia ser aproveitada, mas, por outro lado, a presença da gramática ofuscou a literatura.

02. Resposta por dela dada: A avaliação que faço é geral, não é só a literatura que está ausente, é a educação no seu todo. Não podemos chamar isso de ensino. O maior déficit do país é a educação, o resultado disso, basta ver os finalistas de 12 ° anos. Muitos deles têm pouco aproveitamento escolar.

03. A resposta dada: Na verdade, eu não ensino literatura aos meus alunos. Desta forma, não tem como dizer sobre como lidei com a literatura.

04. Resposta dada: Bom, a posição da direção, muitas das vezes, não tem impacto, sobretudo quando a escola é pública, como competente do ministério da educação.

05. Resposta dada: Nas poucas vezes que levei literatura na sala de aula, eu pedia aos alunos que fizessem leituras em determinadas páginas ou capítulo, e depois, abro debate para discutir em conjunto sobre as principais ideias na obra lida.

06. Resposta dada: Nesta resposta, a nossa entrevista se limitou em responder detalhadamente a pergunta, ela não respondeu além do *péssimo*. Embora tenha ela respondido de maneira curta que até dificulta a nossa análise e, sobretudo, no juízo de valoração a que teríamos feito em relação à resposta, percebemos que a aula da literatura não tem um determinado tempo em que ela deve decorrer como outras disciplinas, apesar dela estar inserida dentro da língua portuguesa.

07. Resposta dada: Nos acasos que levei literatura na sala de aula, sim, eles demonstravam bastante dificuldade em entender o que leram. Como coisas que não eram difíceis de entender, eles não entendiam.

08. Resposta dada: Nas vezes que nível, nível mais o romance e conto. (sic). Na resposta oito da nossa entrevistada, percebemos uma insuficiente de informação, ficou nos confuso a resposta por ela dada em relação aos gêneros textuais que tem levado na sala de aula. Apesar disso, dá-nos ideia de que ela tem levado alguns gêneros textuais na sala de aula, que são romance e conto, respectivamente.

09. Reposta dada: Eles não estão habituados com o ambiente de aulas da literatura, por isso as suas interações não tiveram resultados positivas. Ou seja, ficam todos passivos quando o professor lê e explica uma determinada obra.

10. Resposta dada: Negativo, os seus desempenhos foram bastante negativos. Porque literatura nas salas de aula da Guiné Bissau é coisa nova.

11. Resposta dada: quatro (4).

Entrevistado B

01. Resposta dada: Considero-a de preocupantes. Poís, um país sem educação é um país sem desenvolvimento quer intelectual, assim como, económico. (sic).

02. Resposta dada: A presença da Literatura nas escolas públicas da Guiné-Bissau é muito fraca. Se não diz-se que não existe. (sic).

03. Resposta dada: Tenho lidado com o ensino da Literatura duma maneira fastidiosa porque a falta dela no sistema do ensino não ajuda no seu ensino.

04. Resposta dada: Não há nenhuma posição da direção sobre isso.
05. Resposta dada: Utilizo o método directivo. Isto é, trago um texto literário antes explico-o. Depois, os alunos vão lendo tirar as conclusões. (sic).
06. Resposta dada: Tendo em conta o fracasso do sistema em geral cada tempo atribuído a cada disciplina não corresponde o exigido normalmente.
07. Resposta dada: O nosso entrevistado se limitou a responder apenas “sim”. Ou seja, apesar de não ter argumentado, o que também compreendemos porque a pergunta mesma pressupõe essa resposta, percebemos que os seus alunos apresentavam algum grau de dificuldade nas raras aulas da literatura que não acontecem de maneira regular.
08. Resposta dada: Gêneros narrativos. Faço uma abordagem daquilo que é fulcral da narrativa.
09. Resposta dada: Avalio-as positivamente. (comentário dispensado).
10. Resposta dada: Bom.
11. Resposta dada: 5 (cinco).

Entrevistado C

01. Resposta dada: O estado do ensino da literatura na Guiné-Bissau é consequência da des governação do sector educativo e esta também decorrente da crónica instabilidade política e governativa do país. É uma cadeia integrada cujos elementos têm uma relação de interdependência: se não houver governabilidade do país, não haverá projecto educativo que funcione e, se este não funcionar, não há qualidade que tenha como um dos elementos o ensino da literatura.
02. Resposta dada: As minhas experiências como educando e como educador dizem-me que a presença da literatura nas nossas escolas é fraca, fraquíssima. A pouca preparação de boa parte dos professores para orientar aulas com esta temática e poucos dias lectivos são, a meu ver, os principais motivos para este facto.
03. Resposta dada: Entendo a Literatura como uma parte importante da manifestação cultural de um povo. Tal como História, a Literatura é uma forma de saber que ajuda a compreender as dinâmicas de uma sociedade. E a Literatura tem a particularidade de retratar toda a vivência de um povo nas suas diversas categorias, de lírica a ficção, passando pelo drama. Daí a pertinência da aprendizagem mediada através dela.
04. Resposta dada: As directorias de escolas na Guiné-Bissau raras vezes se preocupam com a gestão pedagógica das instituições sob a sua tutela. Preocupam-se mais com a gestão financeira. E, geralmente, os gestores de uma escola são indivíduos promovidos ao cargo em função da filiação partidária e não propriamente por competência, salvo raras excepções em que a militância coincide com a competência. Por estes motivos, não acho que a questão de organização e desenvolvimento curricular, de que o ensino da literatura faz parte, seja uma questão que se coloque em relação a estes gestores públicos.
05. Resposta dada: Eu acredito que a melhor forma de orientar uma aula é colocar os educandos no seu centro, através da operacionalização do método activo e

interactivo. Uma forma de educar que aprendi com Paulo Freire é o modelo dialógico que defende na sua concepção pedagógica. Mas será o mesmo em relação ao resto dos professores do ensino público no meu país? Sem me elevar a um nível superior, que não seria verdade, a experiência de oito anos de frequência de dois cursos na maior escola de formação de professores do país diz-me que não. A complexidade da literatura obriga a evitar o protagonismo único de um educador ou uma educadora, o que o Freire chamaria de educação bancária. A literatura aborda um universo complexo que, para ser apreendido, exige dos sujeitos de aprendizagem recurso a um método que possibilite a sua descodificação.

06. Resposta dada: O tempo lectivo semanal na Guiné-Bissau é de 20h. Pouquíssimo. Dividido por todas as unidades curriculares que fazem um nível de ensino, mais reduzido se torna ainda. O ensino da literatura é parte desta realidade atípica.
07. Resposta dada: Como disse antes, os próprios professores revelam dificuldades em abordar temáticas relacionadas com a literatura nas suas aulas. Imaginemos em que situação estarão os alunos.
08. Resposta dada: Quando acontece, o ensino da literatura limita-se aos contos (geralmente do universo da oralitura africana) e alguma poesia levada à sala de aula de vez em quando. O resto dos gêneros literários são quase que sempre ignorados.
09. Resposta dada: Sim. O método dialógico freiriano de que falei antes orienta para isso. Acredito que seja a melhor forma de deixar a aprendizagem na liberdade e na criatividade intrínsecas aos homens (humanos).
10. Resposta dada: Através da sua participação na discussão do(s) texto(s) base da aula e no juízo criativo que faz deles de forma particular. A literatura resulta de criatividade. A sua apreensão também.

Entrevistado D

01. Resposta dada: É uma situação preocupante na medida em que as crianças do ensino básico e secundário não conseguem ter acesso ao nosso acervo literário e de muitos outros acervos, sobretudo, o da Literatura Portuguesa. É um quando que se deve mudar para que se possa permitir as nossas crianças a terem um conhecimento profundo das nossas raízes culturais.
02. Resposta dada: Muito escassa. Praticamente não se trabalha. Isso também tem a ver com o pouco conhecimento que os professores da Língua Portuguesa têm não só da Literatura Guineense, como também da Literatura Portuguesa. O ensino de Português é muito mais direccionado para o ensino e aprendizagem da Gramática do que propriamente para o ensino da Literatura.
03. Resposta dada: Eu sou daqueles professores da Língua Portuguesa que defende que devemos ensinar o Português, através dos textos literários. Portanto, a literatura tem um espaço muito importante nas minhas planificações, e, consequentemente, nas minhas aulas.
04. Resposta dada: É muito incentivada, mas muito pouco promovida.

05. Resposta dada: O método ativo e participativo
06. Resposta dada: As aulas da literatura, no meu caso em concreto, fazem parte da aula da Língua Portuguesa. Não existe uma disciplina específica de Literatura no currículo Escolar do Ensino Básico e Secundário. Portanto, é preciso, dentro da planificação da aula de Língua Portuguesa, consagrar sempre um tempo para trabalhar a Literatura, o que acaba por ser muito insuficiente.
07. Resposta dada: Sim.
08. Resposta dada: Para as minhas aulas, costuma usar os géneros como: narrativo e dissertativo-argumentativo. As Abordagens são as seguintes: Leitura e interpretação, reconto, simulação, debate, dramatização, etc.
09. Resposta dada: As interações costumam ser muito interessantes, porquanto as minhas aulas normalmente são muito abertas e inclusivas em que a participação de todos é muito encorajada.
10. Resposta dada: Apresentam sempre muitas dificuldades na interpretação dos textos. Quando se trabalha um texto com muitas figuras de estilo, acabam por estar perdidos, devido ao facto de possuírem um nível linguístico muito fraco.
11. Resposta dada: quatro (4)

Entrevistado E

01. Resposta dada: Considero essa realidade de um atentado ao direito dos guineenses porque consta na constituição de que a educação é um direito, o Estado e os governantes dar atenção a este setor, é só com isso que sairemos das marasmas em que estamos.
02. Resposta dada: A avaliação que faço da literatura com relação a sua presença nas escolas é muito insuficiente tendo em vista a falta dos materiais que refletem o seu ensino. Não existem manuais ou materiais didáticos que falem da literatura, os professores é que vão à procura deste material e na maioria das vezes torna difícil um professor que não estudou a literatura durante a sua formação lecionar estas matérias.
03. Resposta dada: Como falei na questão anterior, o ensino na Guiné-Bissau é precário, o ensino da literatura é um desafio enorme em que o próprio professor deve ir à procura dos materiais o que não é nada fácil para um professor na Guiné. Enfrentei estas dificuldades as vezes deixo de falar de literatura na escola, porque na maioria das vezes nas minhas aulas trabalho apenas com poesias e contos e a literatura não se resume apenas formalmente.
04. Resposta dada: A diretoria não tem tomado nenhuma posição porque desconhece a matéria e não sabe se é diferente do ensino das gramáticas para ele a literatura e a português mesma coisa. (sic)
05. Resposta dada: Os métodos que tenho utilizado e que me superou um pouco não muito, foi de recolher alguns textos literários na maioria das vezes poesias para fazer as suas análises, porque foi isso que me ensinaram e a literatura nas escolas da Guiné se resume a isto.

06. Resposta dada: Os tempos são poucos, porque eles são juntados com o português no mesmo horário a sua divisão vai depender do professor nas maioria (sic) das escolas são apenas 4h aulas por semana o que é muito pouco.
07. Resposta dada: Não demonstravam porque o que eu ensinava e que sabia é muito básico, aquilo que eles lidavam todos dias na escola declamação das poesias e contos.
08. (Resposta sem informação)
09. (resposta sem informações suficientes)
10. (resposta insuficiente)
11. Resposta dada: 5

Anexo 3: Perguntas da entrevista com os alunos

Pergunta 1: Como avalia a sua assimilação em relação às aulas da literatura?

2: Como eram as avaliações em relação ao texto literário?

3: Como descreveria a literatura?

4: Enquanto (ex) aluno, como sentiu a presença da literatura na sala de aula?

5: De acordo com a sua experiência adquirida nas aulas da literatura, quais foram os conceitos marcantes que lembra?

6. Prestava atenção nas aulas da literatura? Como era o ambiente?

7. Tinha motivação enquanto aluno quando professor tratava da aula da literatura?

8. O professor dava tarefas de casa sobre a literatura? Se sim, como eram?

9. O que a literatura te ensinou na sala de aula?

10. Como você avalia a presença da literatura na sua escola?

11. De zero (0) a dez (10), qual nota daria à presença da literatura na instituição do ensino em que estudou?

Apêndices 4: respostas dadas pelos alunos

Aluno 1, do Ensino público, considerou de razoável o seu aproveitamento em relação às aulas da literatura; aluno 2, também de ensino público, considerou de positiva a sua assimilação; a aluna 3, de rede privada, por sua vez, também classificou de positivo o seu aprendizado nas aulas da literatura que teve; o aluno 4, ensino público, diz ter sido

o seu aproveitamento; já o aluno 5, o último deste primeiro grupo dos cinco, de escola pública, respondeu que a sua aprendizagem é média.

Respostas dadas dos cinco alunos para a pergunta número 02

Aluno: 1. Através de leituras e interpretação de textos

Aluna: 2. Como comentários eram ótimas, e os textos sempre trazem explicações objetivas e claras ao respeito, isso é, (sic) quer os textos de autores brasileiros ou estrangeiros.

Aluno: 3. Normal

Aluno: 4. Leitura e interpretação do texto, no caso quem era autor principal, secundario (sic) e se o texto (sic) era narrativa ou não.

Aluno: 5. Médio

Respostas dadas à pergunta 03

Aluno 1: Como arte em geral.

Aluna 2: A literatura é o meio pelo qual ajuda qualquer ser humano expressar o seu sentimento entorno (sic) das relações sociais.

Aluno 3: É estudos dos acontecimentos das gerações passadas.

Aluno 4: Não me lembro como me ensinaram, mas via como um texto.

Aluno 5: Como um conjunto de obras pelos seus valores.

Respostas à pergunta 04

Aluno 1: Falta de interesse da maioria dos alunos / as

Aluno 2: Eu sentia (sic) muito feliz, porque a literatura tem estado a combater o preconceito, e o racismo (sic) na sala de aula.

Aluna 3: Um pouco produtivo

Aluno 4: Como uma matéria obrigatória a ser cumprida.

Aluno 5: Pouca

Respostas à pergunta 05

Aluno 1: Conceitos marcantes, que eu me lembro é sobre rimas de poemas e como também diferenças entre contos, romances e novelas.

Aluno 2: O conceito que me marcou é a palavra que Conceição Evaristo especial que define a resistência das mulheres negras no Brasil "escreviência".

Aluno 3: Não lembro nada da literatura do ensino médio, mas universalidade lembro dos conceitos do romantismo, nacionalismo e clássico.

Aluno 4: Não me lembro.

Aluno 5: Arte de conspirar (sic) palavras.

Respostas de alunos dadas a pergunta número 9

Aluno 1: literaturas guineense e dos outros países faltantes (sic) da língua oficial portuguesa

Aluno 2: Primeira coisa, a literatura me ensinou respeitar a cultura de cada um, seja qual for a pessoa; e a literatura me ensinou sobre posicionar com as minhas palavras quando o assunto para a defesa do meu direito ou de terceiro.

Aluno 3: Respeitar os valores esculturais (sic) de cada povo.

Aluno 4: Interpretação do texto.

Aluno 5: A viajar e pensar sobre a complexidade do mundo.

As respostas dadas:

Aluno 1: Razoável

Aluno 2: Positiva

Aluno 3: produtiva

Aluno 4: Fraco

Aluno 5: Meios de comunicação. Em parte não líamos como obras nacionais, mas sim, obras não nacionais.

Respostas dadas da pergunta 11

Aluno 1: 06

Aluno 2: 10

Aluno 3: 07

Aluno 4: 03

Aluno 5: 04

Respostas dadas:

Aluno 6: eram bons

Aluno 7: Bom

Aluno 8: Bom

Aluno 9: Era igual ao outros.

Aluno 10: Péssimo